

## Os signos emocionais e a gestão das paixões políticas: sobre os (des)usos dos símbolos nacionais no governo Bolsonaro

---

Diéssika Costa Silva<sup>I</sup>  
Gilberto César de Noronha<sup>II</sup>

**Resumo:** O artigo investiga os signos emocionais e a gestão das paixões políticas por meio dos usos e desusos dos símbolos nacionais. Pretende analisar especificamente como Jair Bolsonaro manejou os signos emocionais na gestão política desde sua campanha eleitoral, acompanhando sua trajetória política desde que se tornou vereador do Rio de Janeiro em 1988 até a sua chegada à presidência da república, em 2018. Para tanto, foi realizado levantamento de registros de sua atuação política no acervo no jornal Folha de São Paulo interpretados à luz de aspectos mais amplos da história política do Brasil. Este trabalho pretende contribuir para a compreensão da gestão das paixões políticas unindo-se aos interessados no estudo dos sentimentos e dos afetos que têm sido insistentemente relegados pela história política clássica.

**Palavras-chave:** Símbolos nacionais; paixões políticas; Governo Bolsonaro; Brasil.

### Emotional signs and the management of political passions: on the (mis)uses of national symbols in the Bolsonaro government

**Abstract:** The article investigates emotional signs and the management of political passions through the uses and misuses of national symbols. It intends to analyze specifically how Jair Bolsonaro has managed emotional signs in political management since his electoral campaign, following his political trajectory since he became a councilman in Rio de Janeiro in 1988 until his arrival at the presidency of the republic in 2018. To this end, a survey was conducted of records of his political performance in the collection in the Folha de São Paulo newspaper interpreted in light of broader aspects of Brazil's political history. This work intends to contribute to the understanding of the management of political passions by joining those interested in the study of feelings and affections that have been insistently relegated by classical political history.

**Keywords:** National symbols; political passions; Bolsonaro government; Brazil.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

## Introdução

“Verde, amarelo, azul, branca e vermelha. São as cores que compõem a bandeira brasileira. Só que o vermelho não quiseram botar. É cor de sangue, é cor de morte, é cor de farsa. É todo o sangue derramado nesses 500 anos.” (Z’África Brasil, 2002)<sup>III</sup>

“Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha! Só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela!” (Jair Messias Bolsonaro, 2019)<sup>IV</sup>

Seguindo as sugestões teóricas de Pierre Ansart (2019) em sua obra “*A gestão das paixões políticas*”, em que ele observa que todo discurso mobiliza paixões que não se restringem a momentos de alta tensão<sup>V</sup>, este artigo faz parte de uma investigação mais ampla sobre os signos emocionais e a gestão das paixões políticas por meio dos usos e desusos dos símbolos nacionais. Pretende-se aqui, especificamente, analisar como Jair Bolsonaro maneja os signos emocionais na gestão política desde sua campanha eleitoral, acompanhando sua trajetória política desde que se tornou vereador do Rio de Janeiro em 1988 até a sua chegada à presidência da república, em 2018, comparando com outros momentos da história política brasileira. Para tanto, foi adotado como método a pesquisa direta em fontes primárias bem como procedimentos metodológicos descritivos, analíticos e qualitativos. Foi realizada pesquisa bibliográfica e análise de referências teóricas sobre signos emocionais e os usos dos símbolos nacionais oficiais pelo governo Bolsonaro, quais sejam, a bandeira (criada em 1822, por D. Pedro I), o hino nacional, o selo e o brasão (criados na república).

Foi realizado um levantamento de registros da ação política de Bolsonaro no acervo digital no jornal *Folha de São Paulo*<sup>VI</sup> (daqui em diante referida apenas como *Folha*), um jornal diário de circulação nacional composto de cadernos temáticos e suplementos, fundado em 1921<sup>VII</sup>. Através do mecanismo de busca avançada em todos os catálogos, identificamos e catalogamos as fontes, considerando os documentos selecionados entre 1973 e 2018. Foram identificadas 4.942 reportagens publicadas pela *Folha* que fazem referência nominal a Jair Bolsonaro. Dentre elas, selecionamos as que trazem discursos e imagens que evidenciam o uso dos símbolos nacionais como signos emocionais cuja análise histórica revela elementos importantes para a compreensão do fenômeno político contemporâneo que o levou ao cargo máximo da república brasileira. Reconhecendo com Antoine Prost, que “o historiador passa grande parte de seu tempo (...) na busca as causas dos acontecimentos estudados”<sup>VIII</sup>, procurando identificar as mais relevantes, sabemos que é ilimitado o encadeamento causal que nos permite compreender como foi possível Bolsonaro ter sido eleito em 2018. Interessa-nos aqui, identificar especificamente aquelas relacionadas aos aspectos simbólicos e discursivos evocados pelo político considerando a relação com os efeitos/resultados (re)conhecidos como bem sucedidos sem reduzir um ao outro. Qual é o seu discurso mobilizador? O que e como ele se comunica com seu eleitorado? Acompanhando a atuação pública de Jair Bolsonaro noticiada na *Folha*, procuramos identificar e comparar, numa perspectiva diacrônica, as principais características de sua campanha para vereador no Rio de Janeiro, em 1988, no início de sua trajetória política profissional e as da campanha de 2018. Quais eram os discursos iniciais e propostas de campanha em 1988? Como evocava os símbolos nacionais no âmbito de suas propostas de governo e como essas causas não acidentais nos ajudam a compreender o processo político que o levou ao cargo de Presidente do Brasil?

Ao atentar para os elementos simbólicos e sensíveis envolvidos nesse processo, este trabalho pretende contribuir para a compreensão da gestão das paixões políticas unindo-se aos

interessados no estudo dos sentimentos e dos afetos que têm sido insistentemente relegados pela história política clássica. Os herdeiros da Ilustração e da episteme racionalista cartesiana que

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

configurou a modernidade, apegados demais ao âmbito estrito do *logos*, têm considerado as questões sensíveis inabordáveis como objetos históricos legítimos: dos metódicos do século XIX, à história social e a história política do século XX, há desconfiança demais das fontes do imaginário para explorar sua "potência criadora como base do próprio conhecimento científico", como defendia Bachelard, nos anos 1940<sup>IX</sup>. Os marxistas, criticados por Castoriadis, desde os anos 1960, subestimaram, por sua vez, o potencial criador do imaginário, das formas de expressão e os dispositivos das linguagens políticas, entendendo-os como mero reflexo de alguma outra coisa ilusoriamente considerada mais "concreta" e estrutural<sup>X</sup>.

Seguindo as sugestões teóricas de Pierre Ansart<sup>XI</sup>, esta pesquisa considerou os símbolos como mobilizadores de paixões que não se restringem a momentos de alta tensão, mas fazem parte da vida política ordinária. Toda sutil escala de sentimentos e emoções, da alegria à angústia, do amor ao ódio, pode ser encontrada em nossas experiências políticas contemporâneas, todas as intensidades do desejo, da exaltação à indiferença. Os agentes das sensibilidades políticas investem na criação de lugares emocionais, de forma e espaços portadores de afetos, de cenários que, silenciosamente, participam da formatação das atitudes coletivas<sup>XII</sup>. Conforme observou Christophe Prochasson, que aborda o papel das emoções na construção das atividades políticas e sociais, a política se faz com um conjunto de signos que evocam os reflexos identitários, que passam não apenas pela identificação das opiniões abordadas, ou só pelo conteúdo ideológico do discurso. A aprovação mobiliza todo um conjunto de processos complexos, que nunca se esgotam, mesmo quando se trata de interesses racionais<sup>XIII</sup>. Ou, nas palavras de Maria Stella Bresciani, toda identidade, individual ou coletiva ganha sentimento profundo por meio do componente afetivo e é transformado pelas alterações das emoções, o que reflete na vida política e criam contradições particulares<sup>XIV</sup>. O medo, por exemplo, como sugeriu Cláudio R. C. Leivas, é uma paixão política disciplinadora que marca presença na origem das obrigações contratuais e da obediência civil<sup>XV</sup>.

Medo, esperança, humilhação, (res)sentimento.. É importante analisar historicamente o lugar das paixões na ação política, a fim de entender as escolhas políticas da sociedade em que vivemos, dando foco no período contemporâneo e estabelecendo relação comparativa com ações semelhantes em períodos históricos anteriores que também mobilizaram recursos de utilização dos símbolos nacionais. Há momentos de crise ou exacerbação dessas mobilizações. No Brasil, poderíamos evocar a Era Vargas ou o Governo de Emílio Garrastazu Médici nos anos de 1970, por exemplo. Com a finalidade de reiterar ainda mais a importância de estudar cientificamente esses acontecimentos, mencionamos o movimento dos "caras pintadas", que surgiu durante o governo do presidente Fernando Collor de Melo. Em dias mais recentes, voltamos a presenciar a retomada desse recurso nas manifestações do golpe de 2016, da presidente Dilma Rousseff, que pode ter sido um novo marco para a utilização de símbolos nacionais como ferramenta partidária das eleições de 2018, quando o presidente Jair Messias Bolsonaro demonstrou ter feito uso dos signos emocionais como forma de puxar seu eleitorado, de promover a adesão. A partir dessas questões, é possível compreender como as paixões políticas participam das produções sociais e das mudanças da vida política.

Para a apresentação dos resultados, indo do efeito às causas, revisitamos a trajetória política de Jair Bolsonaro, conforme registrada na *Folha*, e em seguida analisamos os usos políticos dos símbolos nacionais em sua atuação política mais recente. Interessa-nos compreender a linguagem simbólica envolvida na ascensão do político Jair Messias Bolsonaro, que tem sido abordada por filósofos, cientistas políticos e historiadores. Como observaram Heloisa Starling et.al (2022) em "a linguagem da destruição",

A chegada de Bolsonaro à Presidência desencadeou uma tempestade política e intelectual. Diante da força destrutiva do novo poder, estudiosos das mais diversas tendências teóricas

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

passaram a investigar de maneira rigorosa os novos fenômenos sociais, em busca de uma chave que pudesse abrir as portas para a compreensão de um mundo diferente daquele em que vivemos no Brasil desde a implantação da nova Constituição, em 1988. Seria impossível mapear todos os caminhos percorridos pelos pensadores brasileiros que, desde o ano de 2013, quando a cena pública foi sacudida por gigantescas manifestações, se puseram a campo para tentar compreender o que estava acontecendo. (...) Bolsonaro e o bolsonarismo são fenômenos que desafiam as análises racionais. Como explicar o sucesso eleitoral do cavaleiro da morte?<sup>XVI</sup>.

Diante da impossibilidade de, no espaço deste artigo, apresentar um mapeamento consistente da produção bibliográfica que se propôs a responder a questão, além do próprio livro citado, evocamos de forma amostral o trabalho do filósofo Diogo Bogéa que se propõe também a interrogar o que leva tantas pessoas a se curvarem diante de um “líder” político, em uma devoção cega<sup>XVII</sup> a alguém que afirma estar a serviço de projetos políticos destrutivos, para “acabar com tudo isso daí”. Na ciência política, Camila Rocha, aborda a “tempestade política” atual brasileira deslindando a formação de uma nova direita no Brasil<sup>XVIII</sup>, ou ainda como o faz Fábio Hoffmann, ao analisar a extrema direita no poder<sup>XIX</sup>. Por sua vez, Fernanda Rios Petrarca analisa as condições sócio-históricas nacionais que possibilitaram a ascensão do Bolsonarismo no Brasil<sup>XX</sup>.

Para explorar o tema à luz da história dos símbolos e da história política dos (des)usos dos signos emocionais, eventualmente evocamos outras experiências políticas, como nos governos de Getúlio Vargas, Emílio Garrastazu Médici e Fernando Collor de Mello que nos indicam continuidades. Do mesmo modo, a busca de compreensão deste desfecho de 2018, passou pela interrogação do espaço de experiência política brasileira contemporânea e do horizonte de expectativa<sup>XXI</sup> dos sujeitos envolvidos nesse processo, que nos conduziu à discussão sobre as mídias e os novos meios de comunicação não apenas como uma fonte, mas como um espaço de produção do imaginário que mobiliza as pessoas à ação.

## A trajetória política de Jair Messias Bolsonaro

Um príncipe, deve ter muito cuidado em não deixar escapar de sua boca nada que não seja repleto das cinco qualidades, para parecer, ao vê-lo e ouvi-lo, todo piedade, todo fé, todo integridade, todo humanidade, todo religião; e nada existe mais necessário de ser aparentado do que esta última qualidade. (Maquiavel, O Príncipe, Cap. XVIII)<sup>XXII</sup>

"Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos" (Jair Messias Bolsonaro)<sup>XXIII</sup>

Foi em 1973, no auge da ditadura militar, que pela primeira vez o nome de Bolsonaro apareceu na *Folha*. Era apenas mais um da lista de aprovados na escola dos cadetes do exército<sup>XXIV</sup>. Treze anos depois, já no Governo Sarney, quando o Brasil vivia uma transição democrática assistida pelos militares, sua segunda aparição no jornal ganhou mais destaque. A edição de 02 de setembro de 1986, noticiava que, após apreciação de seu comandante<sup>XXV</sup>, Bolsonaro seria punido em razão da publicação de uma carta na seção “ponto de vista” da revista *Veja*, intitulada “O salário está baixo”<sup>XXVI</sup>. Segundo seu comandante, o capitão Jair Bolsonaro tinha cometido transgressão disciplinar ao escrever o artigo que não apenas denunciava a situação crítica dos militares em relação aos salários defasados por conta da inflação e falta de reajuste, mas também “denunciava” práticas homossexuais, consumo de drogas e indisciplina dentro da academia militar das agulhas negras<sup>XXVII</sup>.

A principal reclamação de Bolsonaro, a defasagem salarial dos militares, acontecia num

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

contexto de crise econômica e hiperinflação que levou à edição do Plano Cruzado, implantado, de fato, em fevereiro de 1986, como consequência da proposta de congelamento de preços de Pêrsio Arida<sup>XXVIII</sup> e André de Lara Resende<sup>XXIX</sup>. Propunha a indexação de todos os preços com base nas Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, com expectativas de anular as pressões das inflações passadas, equilibrando os preços, o que seria representado pela nova moeda<sup>XXX</sup>: o Cruzado.

No dia 03 de setembro de 1986, a *Folha* publicava duas reportagens mencionando Bolsonaro, em plena atividade política. Uma delas intitulada, “Caçarolaço Militar”, noticiava a punição imposta ao capitão pelo artigo que tinha repercutido dentro e fora dos quartéis, causando balbúrdia e uma corrente de solidariedade em torno dele. Na ocasião, as mulheres dos militares realizaram uma “mini passeata” na vila militar ao som de caçarolas<sup>XXXI</sup>. A segunda reportagem, na mesma edição, noticiava que Bolsonaro seria punido com 15 dias de reclusão pelo artigo publicado na *Veja*. Com a decisão, o general encerrava o caso ordenando que após dez anos o autor poderia requerer que a punição não fosse mais mencionada na sua ficha<sup>XXXII</sup>.

Vale lembrar que, à época (1986), a Constituição Federal garantia, no art. 150 § 8º, a livre manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica e a prestação de informação sem sujeição à censura, salvo quanto a espetáculos de diversões públicas, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometesse. Era assegurado o direito de resposta. A publicação de livros, jornais e periódicos independia de licença da autoridade. Não era, porém, tolerada a propaganda de guerra, de subversão da ordem ou de preconceitos de raça ou de classe<sup>XXXIII</sup>. Mas o direito de livre manifestação não se estendia aos militares. A lei que trata dos deveres dos militares (Lei 6.880/1980 - Estatuto dos Militares) no seu art. 47, seção III, estabelece que cabe aos reguladores disciplinares das forças armadas especificar e classificar as contravenções ou transgressões disciplinares e estabelecer as normas relativas à amplitude e aplicação das penas disciplinares, à classificação do comportamento militar e à interposição de recursos contra as penas disciplinares<sup>XXXIV</sup>. No Regulamento Disciplinar do Exército, a manifestação político-partidária é considerada ainda hoje uma transgressão quando cometido por militar da ativa.

Em 1987, a *Folha* fazia referência à reportagem da revista *Veja*<sup>XXXV</sup> intitulada “Pôr bombas nos quartéis, um plano da Esao” (Escola de aperfeiçoamento de oficiais). A carta teria sido assinada pelo tenente-coronel Luiz Cesário da Silveira do comando militar do Leste e reproduzia trechos dos depoimentos prestados por Jair Bolsonaro e seu colega de farda Fábio. Os dois estariam envolvidos em uma série de atentados à bomba nas instalações militares numa operação denominada “beco sem saída”. Bolsonaro negou ao general da reserva Newton Cruz ter dado entrevista para a *Veja*<sup>XXXVI</sup>. No canto direito da notícia, publicava-se uma nota do comando militar negando “veemente o teor da reportagem”. Depois de tomar conhecimento da reportagem, Bolsonaro declarou que tudo não passava de uma “fantasia” e negava sua participação na reunião na casa de Fábio com a repórter Cássia da *Veja*<sup>XXXVII</sup>. Segundo a jornalista Cássia Maria Vieira, na ocasião, Bolsonaro quis ser didático quando falava das bombas e desenhou até um croqui<sup>XXXVIII</sup> com as tubulações do abastecimento de água no Rio de Janeiro e os locais onde as dinamites com mecanismo elétrico num relógio seriam instaladas<sup>XXXIX</sup>. Em depoimento posterior, a repórter afirmou serem verdadeiras as informações publicadas sobre a operação “beco sem saída”. Na ocasião, Bolsonaro teria feito ameaças a ela. *Fez sinal de arma* sinalizando atirar nela<sup>XL</sup>, um gesto que 30 anos depois se tornaria um dos ícones mais fortes de sua campanha e de seu governo, mas que definitivamente não tinha surgido na pré-campanha eleitoral de 2017.

Absolvido da acusação de ter planejado a explosão de bombas no exército pelo STM (Superior Tribunal Militar), em 1988, Jair Bolsonaro já se preparava para entrar na política. Ele

## OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

se tornaria candidato a Vereador no Rio pelo PDC (Partido Democrata Cristão), defendendo a educação e o controle de natalidade. Prometia, caso fosse eleito, continuar na carreira política e se candidatar a uma vaga na Câmara dos Deputados, em 1990, representando os militares. Dentre suas propostas, defendia que os hospitais públicos deviam fazer laqueadura nas mulheres que quisessem, como medida para evitar gente “invadindo” a zona sul<sup>XLI</sup>. Uma pauta que ecoava os anseios da classe média conservadora que frequentava as praias cariocas, nos anos 1990. Defendia também a restrição da participação política ao propor curso superior como pré-requisito para concorrer a cargo político e para votar os eleitores deveriam ter pelo menos o primeiro grau.

Bolsonaro dizia que entrava na política por ter visto sua carreira no exército encerrada. Compreendia que poderia ser útil representando os interesses da família militar, uma “classe” que não tinha representação na câmara dos deputados, o seu objetivo posterior. Não se sabia, entretanto, se estas posições políticas mobilizariam os eleitores.

Em outubro de 1990, a Folha publicava o resultado das eleições para deputado, e Jair Bolsonaro foi o segundo mais votado pelo estado do Rio de Janeiro, com 63 mil votos. Até então, sua principal reivindicação era o aumento salarial dos militares<sup>XLII</sup>, mas o resultado nas urnas indicava que, para além dos quartéis, seu discurso também tinha adeptos. Mas qual era a estratégia de mobilização política adotada por Bolsonaro?

Em 1993, Bolsonaro já fazia pequenos comícios, quase todos os dias, reivindicando a volta dos militares ao poder. Era um momento de tensão na história política brasileira. O primeiro presidente eleito pelo voto direto após a ditadura militar (Fernando Collor de Mello) havia sofrido processo de *impeachment*, sem apoio no congresso, acusado de corrupção por seu irmão Pedro Collor<sup>XLIII</sup>. A voz dissonante de Bolsonaro ecoava sobretudo na caserna onde era alimentada a ideia de que os civis não sabiam governar. Entre os oficiais, era visto como “o único que fala o que queremos ouvir”. A sua proposta de fechar o congresso, por exemplo, era bem recebida pelos sargentos, porque ia de encontro ao desejo de alguns oficiais de eleger militares para o congresso e voltar ao poder<sup>XLIV</sup>.

Outros temas sensíveis à sociedade brasileira, como a questão indígena, a segurança pública e as questões de gênero, foram incorporados à pauta sua pauta, em anos posteriores. Bolsonaro os abordava em tom polêmico e ressentido. Se, em 1994, o comandante militar da Amazônia dizia que a política de demarcação de terras deveria ser revista e considerava um absurdo a destinação de 10% das terras a reservas indígenas, já em 1991, Bolsonaro, tinha proposto um projeto que tornava sem efeito a demarcação de terras da reserva Yanomami. Não é desnecessário lembrar que trinta anos depois, em 2021, já como presidente da república, Bolsonaro deslocou-se até o território desta comunidade indígena para a inauguração de uma ponte de madeira, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), localizado na região que vinha sofrendo com constantes ataques armados dos garimpeiros ilegais, atividade cuja regularização foi defendida pelo presidente<sup>XLV</sup>. Na ocasião, Bolsonaro usou um cocar, símbolo da identidade dos povos originários, gesto contraditório, pra não dizer, provocativo, já que ao longo de sua trajetória política, tinha projetos de lei para impedir a demarcação de terras indígenas e desejava explicitamente regulamentar a exploração de terras Yanomamis.

Em 1997, o tema do combate à criminalidade, defendida por Bolsonaro, chama à atenção: à época do massacre do Carandiru, o político chegou a dizer que “a polícia perdeu a oportunidade de matar mil e fazer uma limpa na vagabundagem<sup>XLVI</sup>”. Percebemos que o então deputado federal tinha uma visão reducionista sobre as relações entre pobreza e criminalidade, evocando as antigas estereotípias do combate à “vagabundagem”. Sua política de segurança pública era a da violência. Para combater a criminalidade, defendia eliminar a população carente de educação, emprego, moradia, saúde e alimentação. Não previa a ação do estado pela

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

melhoria das políticas públicas, incluindo a educação laica (para todos) e de qualidade, professores motivados e bem remunerados, programas de combate à evasão escolar e políticas de fomento ao emprego.

Do mesmo modo, considerando-se a retrodição como a forma típica do raciocínio histórico, chama-nos a atenção os ataques de Bolsonaro à comunidade LGBTQIA+ registrados no conjunto de reportagens da *Folha*. Em 2002, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso tinha declarado apoio à união gay e Bolsonaro reagiu colocando fotos do presidente com a bandeira LGBTQIA+ na porta do seu gabinete com a frase “eu já sabia...”. No momento em que foi questionado, Bolsonaro disse que era só uma piada e disparava: “não vou conter e nem discriminar, mas, se eu ver dois homens se beijando na rua, vou bater.”<sup>XLVII</sup> Em 2011, Bolsonaro apareceu na TV, no quadro “O povo quer saber” do programa CQC, da TV Bandeirantes, associando o namoro com mulheres negras à promiscuidade. Depois da repercussão negativa, ele tentou se corrigir dizendo que se referia a homossexuais. Esse episódio contribuiu para que o deputado do “baixo clero” ganhasse mais visibilidade tanto na televisão como nas redes sociais. É notório que depois dessa entrevista o nome de Bolsonaro começou a ganhar mais espaço na *Folha*, citado de três a quatro vezes na mesma edição, associado aos termos racismo e homofobia: os temas que o fizeram ganhar definitivamente as páginas do jornal. Tais questões já eram abordadas desde as suas primeiras aparições públicas, nos anos 1980, mas ganharam repercussão nacional e apelo popular apenas nesse período. Era um indício de que algo havia mudado, não nas posições políticas limitadas de Bolsonaro, mas na forma como a sociedade meio cômica e meio tragicamente recebia tais manifestações, em sua guinada conservadora.

Sendo capaz de se reeleger continuamente, desde 1986 até alcançar o cargo mais alto da república, Bolsonaro mostrou, na prática, ser capaz de mobilizar as paixões políticas como um conjunto ideológico, através de esquemas simples, *slogans* que, segundo Pierre Ansart, “em poucas palavras condensam ideais essenciais”<sup>XLVIII</sup>, que usa da eficácia emocional das mensagens (paixões, ódios políticos, ressentimentos) para atrair seu eleitorado. Nesse sentido, além de suas frases de efeito, de suas ideias estereotipadas, também foi significativa a sua mobilização simbólica.

## O uso político dos símbolos nacionais pelo governo Bolsonaro

O primeiro registro de uso político de um símbolo nacional por Bolsonaro nas páginas da *Folha* é de 05 de maio de 1992, na ocasião em que discursava na passeata das mulheres dos militares em luta por melhores salários. No centro da foto de Lula Marques, publicada no jornal havia uma bandeira nacional<sup>XLIX</sup>, empunhada por uma das manifestantes, que compunha o quadro de representação de sua união com o povo. Bolsonaro usou o símbolo para se apresentar como “gente como a gente” enquanto incitava as tropas à insurgência e quebra de hierarquia.<sup>L</sup>

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

Figura 1. Bolsonaro discursa na passeata das mulheres dos militares por melhores salários



Fonte: Folha de São Paulo.<sup>L1</sup>

A luta por melhores salários não era apenas uma questão da “família militar”. Era uma conjuntura de carestia, de panelas vazias. Naquele momento, o Brasil enfrentava a hiperinflação com remarcação diária de preços que levava as famílias a estocarem comida. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chegou a 2.477%<sup>LII</sup>. Ao fracassar na sua política econômica recheada de medidas neoliberais e de trapalhadas como o confisco da poupança, as denúncias de corrupção levaram o governo Collor a perder a autoridade necessária para conduzir a bom termo um programa de estabilização e retomada do desenvolvimento<sup>LIII</sup>. Em discurso na tribuna da Câmara dos Deputados, no ano de 1993, de forma quase tão escandalosa quanto sua homenagem à tortura em 2016, o deputado Jair Bolsonaro defendia o fechamento do congresso, através de golpe das forças armadas e dizia que só assim o Brasil sairia da crise deixada pelo ex-presidente Collor ao seu vice Itamar Franco.

Bolsonaro só apareceu novamente nas páginas da *Folha* usando os símbolos nacionais no ano de 2014, quando o Brasil passava por uma situação econômica, em muitos aspectos, diversa da dos anos 1990. Pegava carona nos atos contra o aumento da tarifa do transporte público, no clima de insatisfação popular potencializado pelos preparativos para a Copa do Mundo que reavivou o sentimento de patriotismo e atualizou os usos dos símbolos nacionais. Em 2014, com seus filhos, Bolsonaro apareceu em manifestações contra a reeleição da ex-presidente Dilma. Sob aplausos, seu filho Eduardo Bolsonaro se identificava como “alguém de uma família que luta muito para mudar o Brasil<sup>LIV</sup>”. Nesse período, pelas páginas do jornal, percebemos o início da associação mais intensa e deliberada dos símbolos nacionais à figura de Bolsonaro. Nesse momento, ele ainda liderava protestos com pouco mais de 150 pessoas em que pedia pelo *impeachment* de Dilma fazendo seus corriqueiros elogios ao regime militar, o que no clima de mobilização das ruas, causou divisões entre manifestantes e políticos presentes nos eventos<sup>LV</sup>. Usava as cores da bandeira nacional como elemento de comoção e de união em torno de um discurso anticorrupção, mas com ações ainda restritas a pequenos grupos vistos pela opinião pública como excêntricos.

Após as eleições de 2014, com a reeleição da presidenta Dilma, o sentimento patriótico irrompeu. No aniversário da República, os símbolos nacionais e as cores do Brasil tomaram as ruas. Uma onda de protestos contra o PT (Partidos dos Trabalhadores) tomou o Brasil,

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

embalados pelas notícias espetacularizadas das investigações do chamado “Petrolão”. Esse movimento se expandiu geograficamente e se afinou na temática da corrupção, até culminar no *impeachment* de Dilma Rousseff. Em 2015 e 2016, os protestos se reafirmaram e clamaram contra Dilma e a corrupção no Brasil, com bandeiras e manifestantes vestidos com camisetas da seleção brasileira (cujo uso original foi destituído de significado após a traumática derrota da seleção brasileira para a Alemanha). Pela cobertura da *Folha*, percebemos que Bolsonaro continuava suas manifestações na ininterrupta campanha de mobilização eleitoral e, mesmo não capitaneando o movimento, soube se aproveitar da fragilidade da nação para se promover como um verdadeiro “líder populista” que, conforme Debert, “não aparece como um verdadeiro político, mas como um aproveitador da ignorância popular.<sup>LVI</sup>”

Já em 2017, Jair Bolsonaro se apresentou explicitamente à comunidade brasileira na Flórida (EUA) como a única alternativa para uma mudança de rumo no Brasil. Falando para aproximadamente 300 pessoas, dizia que iria trabalhar para tirar o PT e outros acusados de corrupção do poder. Ele estava acompanhado dos filhos Eduardo e Carlos Bolsonaro. No palco do evento, havia a projeção de uma grande bandeira brasileira em um telão, onde cantou o Hino Nacional. Em outro momento, ainda nos Estados Unidos, Bolsonaro elogiava o patriotismo de Trump, defendeu o hino nacional nas escolas, elogiou a bandeira americana e se comprometeu a espalhar o patriotismo pelo país dizendo que ‘pretendia colocar a garotada para cantar o hino nacional’ e ‘por um fim na doutrinação e sexualização das crianças’ do ensino público brasileiro. Defendia o armamento da população já que, segundo ele, “quem tem arma no Brasil é só quem não presta”<sup>LVII</sup>. Percebemos, em 2017, a forte apropriação de Bolsonaro dos símbolos nacionais na busca pelo “patriotismo” explorando a imagem do fim da corrupção buscada pelo povo brasileiro. Nesse sentido, forjava o sentimento nacional para fins específicos de alcançar e, depois, permanecer na presidência. Sendo assim, podemos observar que os principais símbolos usados por Bolsonaro foram a Bandeira e o Hino Nacional. Esta não era uma novidade política, certamente, cujo uso político pode ser encontrado em outros momentos da história política brasileira<sup>LVIII</sup>.

Em sua utilização de técnicas populistas, Bolsonaro se aproxima de Getúlio Vargas, que se alinhou ao povo na década de 1930 permitindo que os trabalhadores enviassem cartas ao presidente, sendo considerado aquele que dava valor aos anseios da população<sup>LIX</sup>. Getúlio manejava as paixões políticas demonstrando boas intenções com a população, com o interesse de manter o povo ao seu lado, para conseguir legitimidade e conseguir governar.

## As manifestações do passe livre e a atualização dos usos políticos dos símbolos nacionais

Foi em janeiro de 2011, após decreto do prefeito Gilberto Kassab (DEM), que se iniciaram as manifestações em São Paulo contra o aumento da tarifa do transporte público, que passava de R\$ 2,70 para R\$ 3. Cerca de 200 pessoas participaram do ato que interditou a avenida Faria Lima. O movimento ganhou maior adesão na cidade de São Paulo, visto que já existia um tensionamento político com o prefeito Gilberto Kassab<sup>LX</sup>, em época de eleições municipais, o que também abriu espaço para que fosse reivindicada a Tarifa Zero, amparada no direito da população de ir e vir. Segundo o movimento passe livre de São Paulo, o transporte é um serviço público essencial, direito fundamental que assegura o acesso das pessoas a outros direitos, como por exemplo, saúde e educação<sup>LXI</sup>. No mesmo ano, a revista *Veja*, publicava uma matéria indicando que muito rapidamente as manifestações por mais direitos sociais convergiam para um discurso de anticorrupção, o que mobilizava também grupos conservadores.

Seis meses depois, as manifestações de rua lembravam pouco a composição social, a estética e as reivindicações por transporte. No dia 07 de setembro de 2011, em São Paulo,

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

manifestantes usavam a bandeira do Brasil, rostos pintados de verde e amarelo e cartazes, exigindo o fim da corrupção e da impunidade em meio aos escândalos envolvendo o governo Dilma Rousseff. Entre os mais comentados estava o “Mensalão”. O evento foi organizado por meio do *Facebook* e seus participantes se uniram ao movimento batizado de “Unidos contra a corrupção”, autodenominado um “movimento espontâneo da sociedade civil”<sup>LXII</sup> que, como o Movimento Brasil Livre (MBL), faz parte dos “movimentos que se pautam justamente pela característica contenciosa ou de confronto político que reuniu pessoas através de vínculos fracos” fomentando “o descontentamento com o sistema político e o sentimento antipartidário” que rapidamente “se converteram em antipetismo” com “discursos de ódio e “imagens eloquentes com jovens queimando ou mordendo as bandeiras do PT”. As manifestações expressaram “hostilidade a militantes petistas”, representados como vermelhos mostrando-se como seus antagonistas “vestidos de amarelo”. Um movimento simbólico, que mobilizava “um repertório patriota “com símbolos, cores, hino e slogans nacionais”, formado por grupos de direita<sup>LXIII</sup>.

Em junho de 2013, a tarifa de ônibus da cidade de São Paulo foi reajustada de R\$ 3 para R\$ 3,20<sup>LXIV</sup> e os protestos ganharam a adesão de movimentos feministas, estudantil, negro e entre outros que ultrapassaram a pauta dos vinte centavos. O Movimento Passe Livre (MPL) conseguiu reverter o aumento das passagens de ônibus com milhares de pessoas nas ruas. Em São Paulo, houve uma onda de vandalismo, protagonizada por anarcospunks, para que a mídia e a população percebessem as manifestações. A reação da mídia e do governo, foram as mesmas, nomearam e condenaram as ações dos manifestantes como “vandalismo”. O governador Geraldo Alckmin (PSDB), que estava em Paris, no período, e o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), afirmavam em uníssono que o vandalismo era intolerável<sup>LXV</sup>.

Nesse período de exaltação, a vitória da seleção brasileira de futebol na Copa das Confederações, que ocorria paralelamente às manifestações, em vez de tirar o foco dos acontecimentos nas ruas, fazia com que protestos contra a Fifa e a Copa de 2014 entrassem definitivamente na pauta dos manifestantes que passaram a ecoar gritos de “não vai ter Copa”. Esses movimentos fizeram reavivar o sentimento de patriotismo e foram atualizados os usos dos símbolos nacionais, as cores verde-amarelas, o hino e os *slogans* ufanistas, como por exemplo, “verás que um filho teu não foge à luta” e “o gigante acordou”, cantado em uníssono durante os eventos esportivos e rapidamente estampado nos cartazes dos manifestantes. O clima guardava semelhança com outros momentos em que o verdeamarelismo orientou as paixões políticas no Brasil. Assim como nas comemorações de 1958 e de 1970, quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo, a população saiu às ruas vestidas de verde-amarelo ou carregando objetos verde e amarelo<sup>LXVI</sup>.

Ainda que, desde 1958, soubéssemos que “verde, amarelo, cor de anil! São as cores do Brasil”, os que participaram da primeira festa levavam as cores nacionais, mas não levavam a bandeira nacional. A festa era popular. A bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado e se transformou em festa cívica.<sup>LXVII</sup>

Ainda em junho de 2014, os atos se transformaram no “Fora Dilma” e convergiram para o antipetismo. O ambiente era de instabilidade, visto que o julgamento do “Mensalão” estimulou o processo de faxina ética da imprensa e da opinião pública, formada por ela. Na sequência aconteceria a operação da Polícia Federal que investigava os crimes de corrupção, a chamada “Lava Jato”. Ao longo do ano de 2014, a ala liberal, com sua nova cara, como por exemplo, o Movimento Brasil Livre (MBL) criado naquele ano, passou a se organizar para “sangrar o governo” ao mesmo tempo em que intensificava as manifestações de rua explicitamente contra o governo federal, justapondo patriotismo e liberalismo, além do discurso da anticorrupção. Era ano eleitoral, e apesar de toda movimentação, Dilma foi reeleita, mesmo

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

em meio a protestos e ataques misóginos. Entretanto, passada a eleição, as ruas não se acalmaram. No aniversário da república o patriotismo se firmaria, carregando os símbolos nacionais.

No dia 16 de novembro de 2014, São Paulo reuniu mais de 10 mil pessoas em atos contra o governo Dilma. Se, naquele momento, quem estava em evidência era o candidato derrotado nas urnas, Aécio Neves, Bolsonaro, também agia como agente mobilizador, ainda sem o apelo popular que conseguiria tempos depois. Liderava um protesto com cerca de 150 pessoas em que a principal pauta era o impeachment da presidenta e a volta do regime militar no Brasil “com o apoio da população, como em 1964<sup>LXVIII</sup>”. Os protestos continuavam em 2015 em todos os estados do Brasil contra Dilma e a corrupção, com cerca de 135 mil pessoas, segundo o Datafolha<sup>LXIX</sup>. Em suma, ao que tudo indica, Bolsonaro não mobiliza, mas pega carona na retomada do uso dos símbolos nacionais que já vinham sendo usados nas manifestações de 2013, contra o aumento da tarifa, contra a Fifa e nos movimentos fora Dilma. Mais do que Bolsonaro, era a mídia quem exercia papel fundamental no processo de constituição de um ambiente propício ao verde amarelismo.

A mídia foi aliada das manifestações contra a presidente Dilma. A grande imprensa fazia grandes coberturas dos atos em TV aberta, rádio e internet com entradas ao vivo, anunciando manifestações, atuando na prática como divulgadora e convocadora dos atos. Por sua vez, a internet e das novas mídias e redes sociais também se tornavam instrumentos e espaço de mobilização social. Era o primeiro grande movimento político brasileiro feito com e através dos *smartphones*. Os celulares se mostraram peças fundamentais no processo de articulação dos movimentos sociais, principalmente as redes sociais (Facebook, Twitter, Youtube etc.), que se tornaram veículos de (des)informação e de articulação política pelo qual se marcava dia, local e horário dos encontros. Obviamente, a internet também se transformaria em arena de debate e de troca de informação<sup>LXX</sup>. Já as manifestações pró-governo organizadas por sindicatos foram menosprezadas pela mídia que dedicava menos espaço em sua cobertura construindo a opinião pública favorável ao *impeachment* da presidente Dilma.

Bolsonaro novamente se aproveita do sentimento que a mídia engendrava e sua campanha passou a apostar na viabilidade do discurso caro à sua trajetória: o conservadorismo, a defesa da família e da religião para sensibilizar o eleitorado. De seus tradicionais piquetes em quartéis, que remontam aos anos 1980, Bolsonaro logo se adapta aos novos recursos midiáticos disponíveis como Facebook, YouTube, Twitter e WhatsApp, favorecido pela lógica das polêmicas, que já trazia em sua experiência política, e que são o motor do funcionamento dessas redes. Logo se percebeu que nesses novos territórios, os eleitores de Bolsonaro eram mais ativos e disseminavam mais conteúdos políticos do que outros partidos brasileiros<sup>LXXI</sup>.

## Considerações Finais

Os símbolos nacionais aparecem frequentemente em determinados projetos políticos de nação, em posicionamentos políticos partidários mormente orientados por princípios autoritários. Isto nos leva a refletir o quanto pode haver de manipulação dos cidadãos, por meio da utilização de símbolos nacionais para construção da identidade, não raro levando ao patriotismo desmedido. Nesse sentido, é relevante levar à frente a investigação de como acontece a apropriação dos signos emocionais que mobilizam as paixões políticas, cada vez mais relevante nas discussões na história política contemporânea.

Os resultados encontrados reiteram a importância de se analisar historicamente o lugar das paixões na ação política, a fim de entender as escolhas políticas da sociedade contemporânea, estabelecendo relação comparativa com ações semelhantes em períodos

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

históricos anteriores que também mobilizaram recursos de utilização dos símbolos nacionais. Há momentos de crise ou exacerbação dessas mobilizações. No Brasil, poderíamos evocar a Era Vargas ou o Governo de Emílio Garrastazu Médici nos anos de 1970, por exemplo. Com a finalidade de reiterar ainda mais a importância de estudar cientificamente esses acontecimentos, mencionamos o movimento dos “caras pintadas”, que surgiu durante o governo de Fernando Collor de Melo. Em dias mais recentes, voltamos a presenciar a retomada desse recurso nas manifestações do golpe de 2016, da presidente Dilma Rousseff, que se tornou um novo marco para a utilização de símbolos nacionais como ferramenta partidária das eleições de 2018, na qual, o presidente Jair Messias Bolsonaro, intensificou o uso dos signos emocionais como forma de puxar seu eleitorado, de promover a adesão a determinadas ideias políticas, numa amplitude inédita, em razão das novas tecnologias. A partir dessas questões, é possível compreender como as paixões políticas participam das produções sociais e das mudanças da vida política.

A análise que empreendemos nos possibilitou compreender a estratégia do sequestro dos símbolos nacionais pela nova direita brasileira, por meio da mobilização das paixões políticas e dos discursos patrióticos pelo atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro, a partir da legitimação ideológica fundamentada pelo imaginário conservador e do ressentimento. Nesse sentido, o que parece ter reavivado o sentimento de patriotismo e de pertencimento ao povo brasileiro foram as denúncias de corrupção do governo Dilma Rousseff. Uma criação *ex nihilo*, obra do imaginário, não como reflexo de alguma coisa, falseamento da realidade, mas uma força incessante e essencialmente indeterminada criadora de realidades, de figuras, formas, imagens a partir das quais se pode ser alguma coisa e agir<sup>LXXII</sup>. Esta “realidade imaginária” gerou uma onda de revolta e de ódio no país, após a mídia criar um cenário imagético dos acontecimentos, interferindo nos rumos das manifestações que já vinham ocorrendo pelo aumento da tarifa do transporte público em 2013. Nesse momento de crise, Bolsonaro se destaca pelas suas posições extremas ao fazer apologia à tortura, ao assassinato, à ditadura militar e principalmente uma política LGBTfóbica, manejando as paixões políticas, os ressentimentos e os ódios que irromperam nesse momento de crise. Tornou-se vetor do ódio e das pulsões de morte que frequentavam a sociedade brasileira. Personificou a força pulsante do imaginário que irrompia naquele momento.

Evidentemente, Bolsonaro não é o responsável por fazer irromper tais sentimentos, mas se aproveitou de forma habilidosa politicamente utilizando-se das mídias “alternativas” disponíveis para gerir as paixões políticas por meio dos sentimentos, operando os símbolos nacionais para a manutenção dos afetos. No entanto, mesmo demonstrando ter a hegemonia no uso dos símbolos nacionais, em especial da bandeira nacional, tal processo não foi destituído de resistências. Afinal, todo exercício de dominação deve ser compreendido como incompleto e encontra resistência, como pudemos constatar residualmente.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

Figura 2. Essa bandeira é nossa



Fonte: DCM<sup>LXXIII</sup>

## Notas

<sup>I</sup> Graduanda em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (Inhis-UFU)

<sup>II</sup> Doutor em História Social. Professor nos cursos de graduação e pós-graduação (PPGHI e Profhistória) do Inhis-UFU). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política (Nephispo)

<sup>III</sup> GASPAS, Érico Theobaldo; WERNECK, Théo. A Cor Que Falta na Bandeira Brasileira · Z'África Brasil – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XCaESoNA5wM>>. Acesso em 20 de fev. 2021.

<sup>IV</sup> BOLSONARO, Jair Messias. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro ao público no Palácio do Planalto. **Zero Hora**. Porto Alegre. Disponível em < <https://bitly.com/bNUNAW> >. Acesso em 20 de fev. 2021.

<sup>V</sup> ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Tradução. Jacy Seixas. Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2019.

<sup>VI</sup> Jornal **Folha de São Paulo**. Acervo da Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

<sup>VII</sup> Conheça o Grupo Folha. Disponível em:< <https://bitly.com/ymJVpG>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

<sup>VIII</sup> PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 154.

<sup>IX</sup> DAGOGNET, François. **Bachelard**. Lisboa: edições 70, 1986.

<sup>X</sup> Cf. prefácio de CASTORIADIS, Cornelius. **L'institution imaginaire de la société**. Paris: Éditions du Seuil, 1975. p.5-10.

<sup>XI</sup> ANSART, Pierre. Op. Cit. 2019.

<sup>XII</sup> Idem., p.80

<sup>XIII</sup> PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34: p. 305-324, Julho 2005. p. 309. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vh/a/JgtQ8XshzqMVs9fPPXt3wLj/?lang=pt>> Acesso em: 05 abr 2022.

<sup>XIV</sup> SEIXAS, J.; BRESCIANI, M.; BREPOHL, M. (Orgs.). Apresentação. In: **Razão e Paixão na Política**. Brasília: UnB, 2002. 287p.

<sup>XV</sup> LEIVAS, Cláudio R.C. A paixão política do medo na concepção de Hobbes. **Dissertatio. Revista de Filosofia**. Universidade Federal de Pelotas – UFPel. n. [33] 341 – 353, inverno de 2011. p.349-351. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8729/5771> Acesso em: 20 abr. 2022.

<sup>XVI</sup> STARLING, Heloisa M et. al. **Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise**. São Paulo : Companhia das Letras, 2022. p.8.

<sup>XVII</sup> BOGÉA, Diogo. **Psicologia do Bolsonarismo: por que tantas pessoas se curvam ao mito?** Editora: Oficina de Filosofia. 84p.

<sup>XVIII</sup> ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006 - 2018)**. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Programa de Pós Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p.233. 2018.

<sup>XIX</sup> HOFFMANN, Fábio. A extrema direita no poder: Bolsonaro e Bolsonarismo. **Revista Orbis Latina** - ISSN 2237-6976 - Vol 12, Nº 1. Janeiro - Julho 2022. pp.04-18. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/3161>>Acesso em: 20 abr 2022.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

- XX PETRARCA, Fernanda Rios. Uma Janela no Tempo: a ascensão do Bolsonarismo no Brasil. **Revista TOMO**. Nº 38. Janeiro-Junho, 2021 pp. 339-371. Disponível em: <<http://portal.amelica.org/amei/journal/346/3461827012/html/>> Acesso em: 20 abr 2022.
- XXI KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- XXII MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- XXIII Slogan Jair Messias Bolsonaro de 2018.
- XXIV Aprovados da escola de cadetes. **Folha de São Paulo**. 11 Jan 1973. Caderno: Primeiro Caderno, p.14. Disponível em: <<https://bityli.com/iAojh>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXV Capitão só será punido após apreciação de seu comandante. **Folha de São Paulo**. Brasília, 02 set 1986. Caderno: Primeiro Caderno, p. 04. Disponível em: <<https://bityli.com/swUBAd>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXVI VEJA Jair Bolsonaro: explosivo desde 1986. Redação, 22 jun 2018. **Revista Veja**. Reveja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986/>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXVII Acervo veja. Em 3 de setembro de 1986, VEJA publicou artigo de Jair Bolsonaro. ReVEJA. Jair Bolsonaro: explosivo desde 1986. Redação, 22 jun 2018. **Revista Veja**. Reveja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986/>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXVIII Pésio Arida atuou, em 1985, como secretário da Coordenação Econômica e Social. No ano seguinte tornou-se diretor da área bancária do Banco Central do Brasil. Foi, então, um dos responsáveis pelo plano de estabilização econômica apresentado pelo presidente em 28 de fevereiro de 1986. CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arida-pesio>> Acesso em: 28 out 2021.
- XXIX Integrante do Conselho de Administração do Banco Central em 1985 e 1986, respondendo pelas questões relativas à dívida pública e ao mercado aberto, André Lara Resende foi um dos responsáveis – ao lado de Arida, entre outros – pela elaboração do Plano Cruzado, durante o governo do presidente José Sarney (1985-1990). CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/resende-andre-lara>> Acesso em: 28 out 2021.
- XXX MACIEL, David. **De Sarney a Collor**: Reformas políticas, democratização e crise (1985-1990). (tese doutorado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2008. p. 122.
- XXXI Caçarolaço militar. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 03 set 1986. Caderno: Primeiro caderno, Painei, p.4. Disponível em: <https://bityli.com/dMRfuJ>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXXII Capitão é punido com 15 dias de reclusão. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, 03 set 1986. Caderno: Primeiro caderno, política, p. 6. Disponível em: <<https://bityli.com/XcyQIK>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXXIII BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Promulgada em 24 de janeiro de 1967.
- XXXIV Estatuto dos militares. Seção III - Das Contravenções ou Transgressões Disciplinares. **Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6880.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6880.htm)> Acesso em: 28 out 2021.
- XXXV Revista Veja: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXXVI Comando do Leste nega plano de atentado contra quartéis. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, correspondente em Londrina, 27 out 1987. Caderno: Primeiro caderno, p.07. Disponível em: <<https://bityli.com/BJnvCe>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XXXVII FILHO, Luiz Cesário da Silveira - Tenente coronel oficial de relações públicas do comando militar leste. Nego veemente o teor da reportagem. Rio de Janeiro, 26 out 1987. **Folha de São Paulo**. Caderno: Primeiro caderno, p.07. Disponível em: <<https://bityli.com/BJnvCe>> 15 jun 2021.
- XXXVIII Croqui: Desenho feito ao vivo, em breves traços de lápis ou pincel, de modo que mostre o essencial do modelo. Fonte: *Dicionário Online*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/croqui/>> Acesso em: 15 Jul 2021.
- XXXIX 'Veja' contesta versão do general com croquis de Bolsonaro. **Folha de São Paulo**. Da reportagem Local, 01 nov 1987. Caderno: Primeiro Caderno, p. A-6. Disponível em: <<https://bityli.com/RorsAr>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XL Repórter de 'Veja' reitera notícia sobre militares. Da sucursal do Rio, 30 dez de 1987. Folha de São Paulo. Caderno: Primeiro caderno, p. A-04. Disponível em: <<https://shre.ink/Qh1>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XLI Bolsonaro se candidata à Câmara e quer ser representante dos militares. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, 21 out 1988. Caderno: Primeiro Caderno, p. A-06. Disponível em: <<https://shre.ink/Qhe>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XLII EICH, Neri Vitor. Votação para deputados derrota Moreira e dá prestígio a Brizola. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, 18 Out 1990. Caderno: Primeiro caderno, p. A-06. Disponível em: <<https://shre.ink/Qhr>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XLIII BURNIER, José Roberto. Impeachment de Collor. **O globo**. Disponível em: <<https://shre.ink/QwJ>> Acesso em: 08 nov 2021.
- XLIV "Bolsonaro fala o que queremos ouvir". **Folha de São Paulo**. Rio, 26 jul 1993. Caderno: Primeiro Caderno, p.9. Disponível em: <<https://shre.ink/QwO>> Acesso em: 15 jun 2021.
- XLV MAISONNAVE, Fabiano. Bolsonaro prepara visita a comunidade yanomami, e líderes indígenas publicam

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

carta de repúdio. **Folha de São Paulo**. Manaus, 24 mai 2021. Disponível em: < <https://shre.ink/Qww> > Acesso em: 08 nov 2021.

<sup>XLVI</sup> Coronel Ubiratan deve perder a imunidade. **Folha de São Paulo**. 03 out 1997. Caderno: primeiro caderno, p.9. Disponível em: < <https://bityli.com/zXcXf> > 15 de jun 2021.

<sup>XLVII</sup> SUWWAN, Leila. Apoio de FHC à união gay causa protestos. **Folha de São Paulo**. Brasília, 19 mai 2002. Caderno: Cotidiano, p.C5. Disponível em: < <https://bityli.com/oOtiJp>> Acesso em: 30 jun 2021.

<sup>XLVIII</sup> ANSART, Pierre. Op. Cit. p. 71.

<sup>XLIX</sup> A Bandeira Nacional tem como ponto de partida o dia 13 de maio de 1816, quando D. João VI colocou o principado do Brasil na condição de Reino e deu para o Brasil a esfera armilar de ouro sobre um campo azul e reuniu em um segundo escudo as armas do Brasil e as de Portugal e Algarve, uma sobrepondo a outra, para dar ar de coroa real. Em 1820, D. João VI pediu para que Debret fizesse um esboço da bandeira para o Brasil Independente. Nesse projeto já eram colocados o campo verde e o losango amarelo e sobre ele uma esfera armilar com um ramo de cana e um ramo de fumo para simbolizar as riquezas do país que era circundado por 18 estrelas azuis, nas quais representavam as 18 províncias e uma maior que representava a Corte. Já em 1821, as Cortes constituintes portuguesas decretaram que o Campo da Bandeira do Reino Unido fosse azul e Branco, a intenção ao mudar as cores era reduzir o Brasil a colônia de novo. No mesmo ano, foi concretizada a ideia de criar um império no Brasil. É importante lembrar que não existia normas rigorosas de representação da bandeira e por isso houve inúmeras “versões” da bandeira do império. A simbologia da bandeira aparece nas cores escolhidas e proclamadas por D. Pedro I, o verde e o amarelo “a riqueza e a primavera eterna do Brasil”. A cor verde marca o início da dinastia de Bragança, da qual D. Pedro era herdeiro; o amarelo se refere à Casa de Habsburgo-Lorena, família imperial da Áustria, da qual D. Maria Leopoldina, esposa de D. Pedro era herdeira. Com a ascensão de D. Pedro I, houve modificações na bandeira, conseqüentemente, a bandeira permaneceu a mesma por 67 anos de império. Em 15 de Novembro de 1889, aconteceu a última modificação da bandeira nacional, quando Marechal Deodoro da Fonseca esteve à frente do golpe militar que constituiu a República dos Estados Unidos do Brasil, então o governo provisório proclamou uma república federativa.

<sup>L</sup> DIMENSTEIN, Gilberto e MOSSRI, Sônia. Ministros decidem processar Bolsonaro. **Folha de São Paulo**. Brasília, 05 mai 1992. Caderno: Primeiro Caderno, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11684&keyword=Bolsonaro&anchor=4756200&origem=busca&originURL=&pd=0f53020926cf00699ee412b2af371e97>> Acesso em: 15 jun 2021.

<sup>LI</sup> Idem.

<sup>LII</sup> Em 1993, os brasileiros viveram o auge da hiperinflação, que alcançou 2.500%. O Globo. 10 jan 2014. Disponível em: <<https://bityli.com/GbjYmo>> Acesso em: 04 nov 2021.

<sup>LIII</sup> BATISTA JR. Paulo Nogueira. *HIPERINFLAÇÃO, AJUSTE FISCAL E REGRESSÃO MONETÁRIA*. Revista: **Novos Estudos** - CEBRAP. N. 36, julho de 1993. pp. 147-160.

<sup>LIV</sup> URIBE, Gustavo. Seis dias após o 2º turno, protesto em São Paulo pede saída de Dilma. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 02 nov 2014. Caderno: Primeiro caderno, p.A14. Disponível em: < <https://bityli.com/AqTLYW>> Acesso em: 15 jun 2021.

<sup>LV</sup> Capitais reúnem mais de 10 mil em atos contra governo. **Folha de São Paulo**. Brasília, São Paulo, Rio, 16 nov 2014. Caderno: Primeiro Caderno, p.A15. Disponível em: < <https://bityli.com/tXKVaY> > Acesso em: 15 jun 2021.

<sup>LVI</sup> DEBERT, GG. **Ideologia e populismo**: Adhemar de Barros, Miguel Arraes, Carlos Lacerda, Leonel Brizola [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 06.

<sup>LVII</sup> BRASILEIRO, Adriana. Nos EUA, deputado se apresenta como ‘ponto de inflexão’. **Folha de São Paulo**. Miami, 09 out 2017. Caderno: Primeiro Caderno, p. A8. Disponível em: < <https://bityli.com/RFKoFL>> Acesso em: 15 jun 2021.

<sup>LVIII</sup> Getúlio Vargas começou a utilizar esse recurso em 1930 com a intenção de reconstruir o imaginário nacionalista, modificar práticas anteriores e até mesmo impor novas. Na tentativa de construção de uma memória oficial e faz o uso dos signos e do imaginário para legitimar o seu projeto Estatal e construir sentimentos coletivos, não muito diferente do que vivenciamos na campanha eleitoral de Bolsonaro em 2017. Vargas também usou os veículos de comunicação disponíveis em sua época, o rádio, para propagar sua imagem de “pai dos pobres” com sua política paternalista. (ARAÚJO, Carla Camila M. V.; MORAIS, Cleide da Silva, 2015. p. 57).

<sup>LIX</sup> RASOTO, Talita Jacy. **Getúlio Vargas e o populismo**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2009. p. 16.

<sup>LX</sup> GALVÃO, Vinicius Queiroz. Casa de Kassab é alvo de atos contra aumento de tarifa. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 mar 2011. Caderno: Cotidiano, p.C8. Disponível em: < <https://bityli.com/PjSQx> > Acesso em: 15 fev 2022.

<sup>LXI</sup> Movimento passe livre. Disponível em: <<https://saopaulo.mpl.org.br/tarifa-zero/>> Acesso em: 25 fev 2022.

<sup>LXII</sup> NASCIMENTO, Fernanda; REBELLO, Aiuri. Quem são os manifestantes que pedem o fim da corrupção. **Veja**. 07 set 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/quem-sao-os-manifestantes-que-pedem-o-fim-da-corrupcao/>> Acesso em: 25 fev 2022.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

- LXIII MONTEVECHI, Camila. Ativismo Anticorrupção no Brasil e a Teoria dos Movimentos Sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política** [online]. 2021, n. 34 [Acessado 2 Março 2022]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.235262>>. Acesso em: 25 jan 2022.
- LXIV Saiba mais sobre os protestos em SP contra aumentos de ônibus e Metrô. **G1**. São Paulo, 11 jun 2013. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contr-aumento-das-tarifas-do-transporte.html>> Acesso em: 25 fev 2022.
- LXV WAINER, João. Relembre em 7 atos os protestos que pararam SP em junho de 2013. **Folha de São Paulo**. 25 mai 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/05/1458969-relembre-em-7-atos-os-protestos-que-pararam-sp-em-junho-de-2013.shtml>> Acesso em: 02 mar 2022.
- LXVI CHAUI, Marilena. **Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. p.32
- LXVII Idem.
- LXVIII Capitais reúnem mais de 10 mil em atos contra governo. **Folha de São Paulo**. Brasília, São Paulo, Rio, 16 nov 2014. Caderno: Primeiro Caderno, p.A15. Disponível em: <<https://bityli.com/tXKVAY>> 15 jun 2021.
- LXIX Protesto contra Dilma reuniu 135 mil em São Paulo, mostra Datafolha. 16 ago. 2015 - Poder - **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://bityli.com/ZKLlon>>. Acesso em: 16 nov. 2021.
- LXX PERUZZO, Cíclia M. Krohling. Vista do Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou.” IV Jornada Acadêmica Discente do PPGCOM-USP. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2013. **MATRIZES**. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013 - São Paulo - Brasil – p. 73-93. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69407/71976>>. Acesso em: 17 nov. 2021. p.82.
- LXXI SÁ, Nelson. Eleitor de Bolsonaro é mais ativo nas redes sociais, diz Datafolha. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 01 Jan 2018. Caderno: Primeiro Caderno, p. A6. Disponível em: <https://bityli.com/LIWtXr>. Acesso em: 15 Jul 2021.
- LXXII CASTORIADIS, Cornelius. **L'institution imaginaire de la société**. Paris: Éditions du Seuil, 1975. p.8.
- LXXIII NOGUEIRA, Kiko. “Essa bandeira é nossa!”: Passou da hora de tirar os símbolos nacionais da mão dos fascistas. 30 mai 2021. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essa-bandeira-e-nossa-passou-da-hora-de-tirar-os-simbolos-nacionais-da-mao-dos-fascistas/>> Acesso em: 13 mai 2022.

## Referências:

## Fontes:

ACERVO VEJA. Em 3 de setembro de 1986, VEJA publicou artigo de Jair Bolsonaro. ReVEJA. Jair Bolsonaro: explosivo desde 1986. Redação, 22 jun 2018. **Revista Veja**. Reveja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986/>> Acesso em: 15 jun 2021.

Aprovados da escola de cadetes. **Folha de São Paulo**. 11 Jan 1973. Caderno: Primeiro Caderno, p.14. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4631&keyword=Bolsonaro&anchor=4631017&origem=busca&originURL=&pd=88f39f0e5dc425bfc5c1f206629e17b8>> Acesso em: 15 jun 2021.

“Bolsonaro fala o que queremos ouvir”. **Folha de São Paulo**. Rio, 26 jul 1993. Caderno: Primeiro Caderno, p.9. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=12131&keyword=Bolsonaro&anchor=4793708&origem=busca&originURL=&pd=66eab5622fa997e1efe18cf75a8ae92e>> Acesso em: 15 jun 2021.

Bolsonaro se candidata à Câmara e quer ser representante dos militares. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, 21 out 1988. Caderno: Primeiro Caderno, p. A-06. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10393&keyword=Bolsonaro&anchor=4167652&origem=busca&originURL=&pd=c94ee1a3adc5065d03a39451616a26b7>> Acesso em: 15 jun 2021.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

---

BOLSONARO, Jair Messias. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro ao público no Palácio do Planalto. **Zero Hora**. Porto Alegre. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-ao-publico-no-palacio-do-planalto-cjqe8uztr0oth01rxlh712gji.html>>. Acesso em 20 de fev. 2021.

BRASILEIRO, Adriana. Nos EUA, deputado se apresenta como ‘ponto de inflexão’. **Folha de São Paulo**. Miami, 09 out 2017. Caderno: Primeiro Caderno, p. A8. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48017&keyword=Bolsonaro&anchor=6066942&origem=busca&originURL=&pd=52ebd29214eb19564ea3bb00e1501999>> Acesso em: 15 jun 2021.

BURNIER, José Roberto. Impeachment de Collor. **Memória Globo**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/impeachment-de-collor/as-denuncias-e-a-abertura-da-cpi/>> Acesso em: 08 nov 2021.

Caçarolaço militar. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 03 set 1986. Caderno: Primeiro caderno, PAINEL, p.4. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9614&keyword=Bolsonaro&anchor=4123543&origem=busca&originURL=&pd=e14b20170aac46b1acf2410690f5e5d5>> Acesso em: 15 jun 2021.

Capitão é punido com 15 dias de reclusão. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, 03 set 1986. Caderno: Primeiro caderno, política, p. 6. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9614&keyword=Bolsonaro&anchor=4123558&origem=busca&originURL=&pd=464b6ddaa1f01a72ece2435ae6218281>> Acesso em: 15 jun 2021.

Capitão só será punido após apreciação de seu comandante. **Folha de São Paulo**. Brasília, 02 set 1986. Caderno: Primeiro Caderno, p. 04. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9613&keyword=Bolsonaro&anchor=4123262&origem=busca&originURL=&pd=70c1ef2578725dec6a0421bd9edf6bf>> Acesso em: 15 jun 2021.

Capitais reúnem mais de 10 mil em atos contra governo. **Folha de São Paulo**. Brasília, São Paulo, Rio, 16 nov 2014. Caderno: Primeiro Caderno, p.A15. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20045&keyword=Bolsonaro&anchor=5970268&origem=busca&originURL=&pd=57260c876be32be5368dbd82af3d41ac>> Acesso em: 15 jun 2021.

Comando do Leste nega plano de atentado contra quartéis. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, correspondente em Londrina, 27 out 1987. Caderno: Primeiro caderno, p.07. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10033&keyword=Bolsonaro&anchor=4163025&origem=busca&originURL=&pd=9668c63c6e0ea2946505d87994c96c05>> Acesso em: 15 jun 2021.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

---

Coronel Ubiratan deve perder a imunidade. **Folha de São Paulo**. 03 out 1997. Caderno: primeiro caderno, p.9. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=13661&keyword=Bolsonaro&anchor=254614&origem=busca&originURL=&pd=5fb6df85c0188c67198ab5875724f81c>> 15 de jun 2021.

Conheça o Grupo Folha. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o\\_grupo.shtml?fill=1](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml?fill=1)>. Acesso em: 28 jun. 2021.

DIMENSTEIN, Gilberto e MOSSRI, Sônia. Ministros decidem processar Bolsonaro. **Folha de São Paulo**. Brasília, 05 mai 1992. Caderno: Primeiro Caderno, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11684&keyword=Bolsonaro&anchor=4756200&origem=busca&originURL=&pd=0f53020926cf00699ee412b2af371e97>> Acesso em: 15 jun 2021.

EICH, Neri Vitor. Votação para deputados derrota Moreira e dá prestígio a Brizola. **Folha de São Paulo**. Da sucursal do Rio, 18 Out 1990. Caderno: Primeiro caderno, p. A-06. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11120&keyword=Bolsonaro&anchor=5393989&origem=busca&originURL=&pd=089c6bfb1f354ae473123bea56638f22>> Acesso em: 15 jun 2021.

Em 1993, os brasileiros viveram o auge da hiperinflação, que alcançou 2.500%. **O Globo**. 10 jan 2014. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1993-os-brasileiros-viveram-auge-da-hiperinflacao-que-alcancou-2500-11263960#:~:text=17%20%2D%2011h%2056min-,Em%201993%2C%20os%20brasileiros%20viveram%20o,da%20hiperinfla%C3%A7%C3%A3o%2C%20que%20alcan%C3%A7ou%202.500%25&text=H%C3%A1%20duas%20d%C3%A9cadasm%20o%20Brasil,em%20busca%20de%20pre%C3%A7os%20melhores>> Acesso em: 04 nov 2021.

FILHO, Luiz Cesário da Silveira - Tenente coronel oficial de relações públicas do comando militar leste. Nego veemente o teor da reportagem. **Folha de São Paulo**. Rio de Janeiro, 26 out 1987. Caderno: Primeiro caderno, p.07. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10033&keyword=Bolsonaro&anchor=4163025&origem=busca&originURL=&pd=9668c63c6e0ea2946505d87994c96c05>> 15 jun 2021.

GALVÃO, Vinícius Queiroz. Casa de Kassab é alvo de atos contra aumento de tarifa. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 mar 2011. Caderno: Cotidiano, p.C8. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=18699&anchor=5576182&origem=busca&originURL=&pd=41ab7d7ef91f1e9990b4a3eb360bbeec>> Acesso em: 15 fev 2022.

GASPAR, Érico Theobaldo; WERNECK, Théo. A Cor Que Falta na Bandeira Brasileira - Z'África Brasil - **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XCaESoNA5wM>>. Acesso em 20 de fev. 2021.

**Jornal Folha de São Paulo**. Acervo da Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

---

MAISONNAVE, Fabiano. Bolsonaro prepara visita a comunidade yanomami, e líderes indígenas publicam carta de repúdio. **Folha de São Paulo**. Manaus, 24 mai 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/bolsonaro-prepara-visita-a-comunidade-yanomami-e-lideres-indigenas-publicam-carta-de-repudio.shtml>> Acesso em: 08 nov 2021.

**Movimento passe livre**. Disponível em: <<https://saopaulo.mpl.org.br/tarifa-zero/>> Acesso em: 25 fev 2022.

NASCIMENTO, Fernanda; REBELLO, Aiuri. Quem são os manifestantes que pedem o fim da corrupção. **Veja**. 07 set 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/quem-sao-os-manifestantes-que-pedem-o-fim-da-corrupcao/>> Acesso em: 25 fev 2022.

Protesto contra Dilma reuniu 135 mil em São Paulo, mostra Datafolha. 16 ago. 2015 - Poder - **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/08/1669471-protesto-contradilma-reuniu-135-mil-em-sao-paulo-mostra-datafolha.shtml>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

Repórter de 'Veja' reitera notícia sobre militares. Da sucursal do Rio, 30 dez de 1987. **Folha de São Paulo**. Caderno: Primeiro caderno, p. A-04. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10097&keyword=Bolsonaro&anchor=4172468&origem=busca&originURL=&pd=7534093e31f88c1dc98d23219a58d7f0>> Acesso em: 15 jun 2021.

**Revista Veja**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/>> Acesso em: 15 jun 2021.

SÁ, Nelson. Eleitor de Bolsonaro é mais ativo nas redes sociais, diz Datafolha. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 01 Jan 2018. Caderno: Primeiro Caderno, p. A6. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48121&keyword=Bolsonaro&anchor=6075179&origem=busca&originURL=&pd=b6b23a205e19e63814c7fb35b01890f2>> Acesso em: 15 Jul 2021.

Saiba mais sobre os protestos em SP contra aumentos de ônibus e Metrô. **G1**. São Paulo, 11 jun 2013. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contradimento-das-tarifas-do-transporte.html>> Acesso em: 25 fev 2022.

STARLING, Heloisa M et. al. **Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SUWWAN, Leila. Apoio de FHC à união gay causa protestos. **Folha de São Paulo**. Brasília, 19 mai 2002. Caderno: Cotidiano, p.C5. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15350&keyword=Bolsonaro&anchor=129630&origem=busca&originURL=&pd=e490a4d4938f3c3c9e6bdaec462c21a2>> Acesso em: 30 jun 2021.

URIBE, Gustavo. Seis dias após o 2º turno, protesto em São Paulo pede saída de Dilma. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 02 nov 2014. Caderno: Primeiro caderno, p.A14. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20031&keyword=Bolsonaro&anchor=5968414&origem=busca&originURL=&pd=d62549f3476835b1fb97a11be7135787>> Acesso em: 15 jun 2021.

# OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS (DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

---

Veja' contesta versão do general com croquis de Bolsonaro. **Folha de São Paulo**. Da reportagem Local, 01 nov 1987. Caderno: Primeiro Caderno, p. A-6. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10038&keyword=Bolsonar&anchor=4124187&origem=busca&originURL=&pd=03dae7b49b4e89c6212780a05802be9c>> Acesso em: 15 jun 2021

VEJA Jair Bolsonaro: explosivo desde 1986. Redação, 22 jun 2018. **Revista Veja**. Reveja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986/>> Acesso em: 15 jun 2021.

WAINER, João. Relembre em 7 atos os protestos que pararam SP em junho de 2013. **Folha de São Paulo**. 25 mai 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/05/1458969-relembre-em-7-atos-os-protestos-que-pararam-sp-em-junho-de-2013.shtml>> Acesso em: 02 mar 2022.

## Bibliografia:

ARAÚJO, Carla Camila M. V.; MORAIS, Cleide da Silva. A educação como projeto estatal - A (re) construção da identidade nacional na era Vargas (1930-1945): práticas e rituais cívicos. **Revista de História**. Seção artigos. Bilros, Fortaleza, V.3, N.4, p.54-68.

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas** / Pierre Ansart; tradução. Jacy Seixas. - Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2019. Pp.68-88.

André de Lara Resende - **CPDOC**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/resende-andre-lara>> Acesso em: 28 out 2021.

BATISTA JR. Paulo Nogueira. *HIPERINFLAÇÃO, AJUSTE FISCAL E REGRESSÃO MONETÁRIA*. **Revista: Novos Estudos** - CEBRAP. N. 36, julho de 1993. pp. 147-160.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Promulgada em 24 de janeiro de 1967.

BOGÉA, Diogo. **Psicologia do Bolsonarismo: por que tantas pessoas se curvam ao mito?** Editora: Oficina de Filosofia.

CASTORIADIS, Cornelius. **L'institution imaginaire de la société**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

DAGOGNET, François. **Bachelard**. Lisboa: edições 70, 1986.

DEBERT, GG. **Ideologia e populismo**: Adhemar de Barros, Miguel Arraes, Carlos Lacerda, Leonel Brizola [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

**OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS  
(DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO**

DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA

---

Estatuto dos militares. Seção III - Das Contravenções ou Transgressões Disciplinares. **LEI Nº 6.880, DE 9 DE DEZEMBRO DE 1980.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6880.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6880.htm)> Acesso em: 28 out 2021.

HOFFMANN, Fábio. A extrema direita no poder: Bolsonaro e Bolsonarismo. **Revista Orbis Latina** - ISSN 2237-6976 - Vol 12, Nº 1. Janeiro - Julho 2022. pp.04-18. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/3161>> Acesso em: 20 abr 2022.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LEIVAS, Cláudio R.C. A paixão política do medo na concepção de Hobbes. **Dissertatio Revista de Filosofia**. Universidade Federal de Pelotas – UFPel. © Dissertatio [33] 341 - 353 inverno de 2011. p.349-351. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8729/5771> Acesso em: 20 abr 2022.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor: Reformas políticas, democratização e crise (1985-1990)**. (tese doutorado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2008. p. 122.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MONTEVECHI, Camila. Ativismo Anticorrupção no Brasil e a Teoria dos Movimentos Sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política** [online]. 2021, n. 34 [Acessado 2 Março 2022]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.235262>>. Acesso em: 25 jan 2022.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. Retrato das manifestações de rua no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff: a construção da opinião pública pela mídia privada brasileira. **Revista Pauta geral**-Estudos em jornalismo. Ponta Grossa, vol. 3, n. 2, p. 83 -96. Pp. 92-93.

Pérsio Arida - **CPDOC**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arida-persio>> Acesso em: 28 out 2021.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Vista do Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou.” IV Jornada Acadêmica Discente do PPGCOM-USP. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2013. **MATRIZES**. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013 - São Paulo - Brasil – p. 73-93. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69407/71976>>. Acesso em: 17 nov. 2021. Pp.82.

PETRARCA, Fernanda Rios. Uma Janela no Tempo: a ascensão do Bolsonarismo no Brasil. **Revista TOMO**. Nº 38. Janeiro-Junho, 2021 pp. 339-371. Disponível em: <<http://portal.amelica.org/ameli/journal/346/3461827012/html/>> Acesso em: 20 abr 2022.

PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34: p.305-324, Julho 2005. p.309. Disponível em: Boletim Historiar, vol. 09, n. 04. Out./Dez. 2022, p. 03-24 | <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

**OS SIGNOS EMOCIONAIS E A GESTÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS: SOBRE OS  
(DES)USOS DOS SÍMBOLOS NACIONAIS NO GOVERNO BOLSONARO**

**DIÉSSIKA COSTA SILVA  
GILBERTO CÉZAR DE NORONHA**

---

<<https://www.scielo.br/j/vh/a/JgtQ8XshzqMV9fPPXt3wLj/?lang=pt>> Acesso em: 05 abr 2022.

RASOTO, Talita Jacy. **Getúlio Vargas e o populismo**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.2009. (Monografia)

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006 - 2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) - Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p.233. 2018.